



Beatrice Manley performs Molly Bloom's soliloquy from James Joyce's *Ulysses*, c.1974-8.
Photographer: unknown [Fonte: google].

Gostei muito do modo como apresentou essa grande e inesquecível personagem de Joyce, que é Molly, neste seu texto, *Ulysses. Molly Bloom? Sim, Molly Bloom!* E poderemos compreender adiante por quê, já no fim de seu texto, sim, por que é que ela se assina *Bloom, Molly Bloom!* Termina sua análise crítica dando-lhe a ela, a Molly, o lugar que ela justificadamente o merece: *a máxima expressão do desejo de um homem por uma mulher!* A máxima expressão da Vida como ela é: SIM!

Aqui, neste seu excerto que abaixo transcrevo, me enredei para tecer meu comentário à sua análise crítica:

Molly Bloom, a mulher infiel, é uma paródia da fida Penélope, diz-se. Pois vejamos: em uma das muitas versões, a origem do deus Pã, uma das figuras mais populares de todos os tempos, é atribuída aos amores de Penélope com Hermes.

É por aí que vou puxar fios de sua tessitura para juntar-me a você e render minha homenagem a Joyce, neste *16 de junho*. Vou tecer uma espécie de Ode em prosa a essa extraordinária personagem que Joyce criou para falar da Vida, *a Vida como ela é* na cama em que todos nós deitamos, e para a qual fomos todos, todos,

destinados... Apenas, exclamemos, nesta transcrição onomatopaica, deste modo, de início, surpresos, meio siderados, com essa primeira versão a que você alude: *Penélope* tornando-se *Molly*, *an rã?*! Mas também vemos aí que poderia dar-se então o inverso, sim, no movimento do tempo que os Gregos designam como *Aion*, na vetorização do tempo *para frente e para trás!* Um movimento próprio aos *incorporais*, sabemos.

Ah sim, claro, claro! Pois Penélope, como diz nessa versão que traz, não gerou Pã com Hermes? Hermes não é o *deus mensageiro*, o *deus do comércio* – e não esqueçamos este dado aqui! -, ao qual Penélope se entrega em procriação? E então? Que linguagem porta Pã como deus priápico? Que mensagem, erigindo o *phallus*, esse filho herdeiro conduzirá? Não é a da *Molly paródica*, quando, dizendo *sim* à vida – *energia vital!* -, indistintamente, louva a conjunção carnal, eroticamente confluindo o corpo em dom, dom divino? Sim, claro! Pois se há essa origem divina, há a deusa *Ananke* que exercerá sabiamente seu papel, fazendo vingar, *necessariamente*, a criação! E então? Molly ficaria restrita, sim, claro!, como você tão bem analisa, *a um primário e alienante nível de identificação*, pois, como diz, *Quem mais parece falar é seu corpo*. Daí eu pergunto: O corpo que aí fala não é aquele que a *Penélope homérica*, às avessas, esconde, quando fia a morte? E então? Molly não traduz mesmo a vida priápica que pulsa, sem intenções, ou, ainda, freudianamente falando, sem levantar aquele sublime voo para o alto que as aves aladas dão? Por que ela não escolheria pretendentes, estes que se pretendem legitimados na sucessão da lei? Não é porque ela, Molly, ao dizer *sim* a qualquer um, não faz mesmo é jus ao voto divino, respondendo ao desígnio a que fora destinada, qual seja, afirmar *a Vida por ela mesma?* Ela não é mensagem de *Vida em Dom?* A vida, sim, e tal como você mesmo analisa, alienada à forma mais primitiva da existência, inteira entrega ao erótico? Pela afirmação, não revela e sustenta ela mesma o outro lado da vida, que é a *morte* por Penélope trançada, quando, por pura, pura entrega, seduz, atrai e enlaça-lhe o homem, enlaçando-o assim à vida?

Molly também corresponde, sim, sim, à nossa Lilith bíblica, o lado avesso da Eva que revela o homem caído diante da maçã. Ora, sendo, pois, a *Molly paródica* - brilhante versão!-, Molly, não!, ela não poderia ser como Penélope não! Molly é Vida! Molly não tem

pretendentes! Ela é *acontecimento*! Quem com ela se enreda, tem que cantar assim mesmo, tal como você diz: - *Vim pela noite tão longa, de fracasso em fracasso*. Ora, porque a vida - a Vida! -, ora, a Vida não conduz à queda, à Morte? E, sabemos, não há saída! *Entre a bolsa e a vida, a vida sem a bolsa!* - não é o que nos diz Lacan? Não foi o que ocorreu com Adão, ficando sem o Paraíso? Trabalho, suor e morte? Molly é comer da maçã no Paraíso... Esse é nosso destino de homem, e dele não há fugir!

Pretendentes não há. Molly é tempo *Aion* em *devir*! Daí, achei inteligente e arguta sua percepção, ao associar estas duas versões: uma, a da *Molly paródica*, e a outra, em que expõe diretamente Penélope, pelo lado avesso, daí imediatamente as associando: *Vejam só! E outra versão atribui sua origem aos amores de Penélope com todos os seus pretendentes, daí o sentido de todo atribuído ao deus. De modo que a fidelidade de Penélope não é assim tão indiscutível. E o adultério de Marion?*

Sim. Molly e Penélope são a dupla face da mesma significação! E aqui estou supondo como você, em sua resposta à pergunta que levantou para a data do *Bloomsday*: *O cenário é uma cama e o tempo da cena o dia seguinte, as primeiras horas da madrugada do dia seguinte ao 16 de junho de 1904. O que quer dizer isso? Que o que aí se descreve não tem lugar no dia [a dia]? Uma antecipação ao livro da noite?* Sim, sim! Claro que sim! Pois *dia* e *noite* são a dupla face que compõe a alienação estrutural de todos nós!

Mas não quero falar somente assim, conceitualmente, desta intrigante personagem que é Molly. Quero falar dela também poeticamente. Render minha homenagem a essa grande e inesquecível personagem joyciana! E como melhor o farei? Seguindo *pari passu* suas pegadas. Ao trazer para cá seu excerto, reitero esta força poética expressiva que há no recorte que faço em seu texto, que segue:

É um capítulo inteiro bordado de *sim*.

Ela começa surpresa com a mudança do marido. Ele, que sempre a servira, viera para a cama encomendando para seu desjejum um café acompanhado de dois ovos. É o seu primeiro *sim*! Quando se sente desejada, é *dessas mulheres que só dizem sim*. Um carvoeiro? – *Sim*. Um bispo? – *Sim* (p.767). O padre Corrigan a quis? – *Sim* (p.767). Bartell dArcy quer beijá-la depois de ter cantado a Ave Maria, de Gounod? – *Sim* (p.773). Harold a persegue pela chuva até ela dizer *sim*? – Oh!

Maria Santíssima, *sim!* (p.773-74). E Gardner, circuncidado ou não? – *Sim* (774). Henri Doyle, pedindo com 8 papoulas, no dia oito? Não beija tão bem como Gardner, mas sim. Na segunda-feira, *sim* (p.774). E o velho Goodwin, de rosto gelado? – *Sim* (p.775). Val Dillon, grande e selvagem? – *Sim* (p.777-78). O velho Larry, por uma garrafa de clarete que ninguém mais queria? – *Sim* (p.788). Alguém mais? Quem sabe uma banana? – Isso não, pois teme pudesse quebrar e ficar perdida em algum lugar lá dentro (789). No mais, *todos páginas viradas no seu folhetim.*

Com Boylan era diferente. Ele notava a forma de seu pé (p.772), mesmo na presença de seu marido, o Poldy, querido! Uma cena que parecia excitá-lo. Quando se diz que dois é bom, três é demais, usa-se uma fórmula que não serve para todos os casos. Boylan, o terceiro, bem pode ser condição da felicidade conjugal. E então Molly lembra o dia em que foi pedida em casamento. Desde esse dia, ela só quer dizer sim. Em todas as perguntas, repete-se sempre essa que representou para ela a máxima expressão do desejo de um pelo outro, a máxima expressão do desejo de Leopold por Marion, a máxima expressão do desejo do homem pela mulher.

Mas, para terminar minha sucinta análise, ainda perguntemos para bem compreender: se Molly não tinha *pretendentes*, como a legitimamente casada Penélope, o que ela tinha? Sempre costumemos procurar, astutamente, nos cifrados anagramas as respostas para nossas questões enigmáticas. Elas nos entregam a chave para desvendar o mistério, aqui, na imperfeição do anagrama! Pensemos... Para Molly, em cada um, um *a(L)goz*, em total *afirmação primordial*: SIM!

Mas antes, ainda, desejo repetir-me na pergunta:

Molly tem pretendentes?

E a ela, poeticamente, respondendo: não, não! Molly é puro Ato que não espera!...

Abre-alas de todos, para dar passagem à Vida!

Mas, ainda, ainda não... Quero ainda cantar um canto de louvor à mortal Penélope homérica. Prestaram atenção à letra excedente do anagrama? E então? Não foi para ela que Penélope estendeu a mão?

Dediquemos-lhe, pois, esta linda canção popular, que diz:

Terezinha de Jesus deu uma queda
Foi ao chão
Acudiram três cavalheiros
Todos de chapéu na mão

O primeiro foi seu pai
O segundo seu irmão
O terceiro foi aquele
Que a Tereza deu a mão

Terezinha levantou-se
Levantou-se lá do chão
E sorrindo disse ao noivo
Eu te dou meu coração

Dá laranja quero um gomo
Do limão quero um pedaço
Da morena mais bonita
Quero um beijo e um abraço.



Dulcinea Santos

Recife, 16 de junho de 2010